



# DIÁRIO

## da Assembleia da República

XVI LEGISLATURA

1.ª SESSÃO LEGISLATIVA (2024-2025)

### Sessão Solene Evocativa do Centenário do Nascimento de Mário Soares

#### REUNIÃO DE 6 DE DEZEMBRO DE 2024

Presidente: Ex.<sup>mo</sup> Sr. [José Pedro Correia de Aguiar-Branco](#)

Secretários: Ex.<sup>mos</sup> Srs. [Jorge Paulo da Silva Oliveira](#)  
[Joana Fernanda Ferreira de Lima](#)  
[Gabriel Sérgio Mithá Ribeiro](#)  
[Maria Germana de Sousa Rocha](#)

## SUMÁRIO

Às 11 horas, entrou na Sala das Sessões o cortejo em que se integravam o Presidente da República, o Presidente da Assembleia da República — que saudaram, com uma vénia, os membros do Corpo Diplomático presentes —, o Primeiro-Ministro, os Secretários da Mesa da Assembleia da República, a Secretária-Geral da Assembleia da República, o

Chefe do Protocolo do Estado, o Chefe da Casa Militar do Presidente da República, o Chefe do Gabinete do Presidente da Assembleia da República, o Chefe da Casa Civil do Presidente da República e a Diretora de Relações Internacionais, Públicas e Protocolo da Assembleia da República.

No Hemiciclo, encontravam-se já, além dos Deputados, os Ministros.

Encontravam-se ainda presentes:

Na Tribuna A, o antigo Presidente da República António Ramalho Eanes e mulher, Dr.<sup>a</sup> Manuela Eanes, o antigo Presidente da Assembleia da República Eduardo Ferro Rodrigues e mulher, Dr.<sup>a</sup> Maria Filomena Aguiar, e o ex-Primeiro-Ministro Pedro Santana Lopes;

Na Tribuna B, familiares de Mário Soares;

Na Galeria I, o Corpo Diplomático e convidados;

Na Galeria II, os Presidentes do Tribunal Constitucional, do Supremo Tribunal de Justiça, do Tribunal de Contas e do Supremo Tribunal Administrativo, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, o representante do Procurador-Geral da República, o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, a representante da Provedora de Justiça, os representantes da República para as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, o Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, o Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira, o representante do Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, o Conselheiro de Estado Carlos César, o Chefe do Estado-Maior da Armada, os representantes dos Chefes dos Estados-Maiores da Força Aérea e do Exército, o Presidente do Conselho Económico e Social, o Presidente da Associação Nacional de Freguesias, o Governador do Banco de Portugal, a Chanceler das Ordens Honoríficas Portuguesas - Conselho das Ordens Nacionais, as Juízas Conselheiras do Tribunal Constitucional Dora Lucas Neto e Joana Fernandes Costa, o Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana, o Diretor Nacional da Polícia de Segurança Pública, o Secretário-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o representante do 2.º Comandante Operacional das Forças Armadas, o Chefe do Estado-Maior Conjunto, o Comandante Naval, o Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação 25 de Abril, membros da Associação 25 de Abril, o representante do Presidente da Associação Salgueiro Maia e o Patriarca de Lisboa;

Na Galeria III, Secretários de Estado, o representante do Presidente da Comissão Nacional de Eleições, o representante do Conselho de Fiscalização do Sistema de Informações da República Portuguesa, a Presidente da Comissão Nacional de Proteção de Dados, o Presidente do Conselho de Julgados de Paz, o representante do Presidente

do Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social, a representante da Presidente da Comissão de Acesso aos Documentos Administrativos, o Presidente do Conselho de Fiscalização do Sistema Integrado de Informação Criminal, o Presidente da Entidade Fiscalizadora do Segredo de Estado, o representante da Presidente da Comissão Independente de Acompanhamento e Fiscalização das Medidas Especiais de Contratação Pública, a Comissária Executiva da Comissão Comemorativa 50 anos 25 de Abril, o Presidente do Conselho Nacional da Juventude, o Presidente da Direção da Associação dos Ex-Deputados da Assembleia da República, o representante do Presidente da Confederação do Comércio e Serviços de Portugal, a representante do Secretário-Geral da CGTP-IN, o Secretário-Geral da UGT, o representante do Presidente da Junta de Freguesia da Estrela, o representante do Presidente da Associação de Deficientes das Forças Armadas e outros convidados.

Nas Galerias IV a VI, público convidado, incluindo alunos do Colégio Moderno;

Na Tribuna C, os Adjuntos da Secretária-Geral da Assembleia da República, os Assessores do Presidente da Assembleia da República e os Chefes de Gabinete dos Grupos Parlamentares e da Deputada única representante de partido;

Na Tribuna D, os representantes dos órgãos de comunicação social.

Constituída a Mesa, na qual o Presidente da República tomou lugar à direita do Presidente da Assembleia da República, a Banda da Guarda Nacional Republicana, colocada nos Passos Perdidos, executou o hino nacional, que foi cantado, de pé, pelos presentes.

Seguiram-se os discursos dos Deputados [Inês de Sousa Real](#) (PAN), [João Pinho de Almeida](#) (CDS-PP), [Paulo Muacho](#) (L), [António Filipe](#) (PCP), [José Moura Soeiro](#) (BE), [Rodrigo Saraiva](#) (IL), [André Ventura](#) (CH), [António Rodrigues](#) (PSD) e [Pedro Nuno Santos](#) (PS), do Presidente da Assembleia da República e do Presidente da República (Marcelo Rebelo de Sousa).

A sessão foi encerrada eram 12 horas e 40 minutos, tendo a Banda da Guarda Nacional Republicana executado, de novo, o hino nacional, que foi cantado e aplaudido, de pé, pelos presentes.

*Após ter sido constituída a Mesa, a Banda da Guarda Nacional Republicana, colocada nos Passos Perdidos, executou o hino nacional, que foi cantado, de pé, pelos presentes.*

O Sr. **Presidente**: — Declaro aberta a Sessão Solene Evocativa do Centenário do Nascimento de Mário Soares.

*Eram 11 horas e 5 minutos.*

Para a primeira intervenção, dou a palavra à Sr.<sup>a</sup> Deputada Inês de Sousa Real, do PAN.

A Sr.<sup>a</sup> **Inês de Sousa Real** (PAN): — Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da República, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Assembleia da República, Sr. Primeiro-Ministro e demais Membros do Governo, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Familiares do Dr. Mário Soares, Ilustres Entidades, Altas Autoridades e Distintos Convidados, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados: O centenário de Mário Soares é uma oportunidade para lembrar alguém singular na história de Portugal. É uma oportunidade para lembrar que um homem livre, por vezes, em mais difíceis que fossem as circunstâncias, não temeu ir até ao fim do seu pensamento e lutar pela liberdade.

Para lembrar a feliz expressão de Léon Blum, que foi, aliás, uma das principais referências políticas de Mário Soares, a marca única de Mário Soares está no combate à ditadura fascista; está na construção de Portugal de abril com uma democracia pluralista; está na capacidade de fazer pontes nos primeiros anos da democracia; está na garantia de um Portugal europeísta e aberto à lusofonia e ao mundo e na defesa de uma globalização com um rosto humano.

Permitam-me que recorde também Maria Barroso, a mulher que esteve sempre ao seu lado e à frente, também, de tantas lutas com Mário Soares.

Mas hoje quero lembrar o importante contributo que Mário Soares deu para a defesa de um dos desafios dos nossos tempos: o ambiente e um combate sério ao aquecimento global. Falamos de alguém que, enquanto Presidente da República, representou Portugal na Cimeira da Terra, já em 1992, tinha eu apenas 12 anos, e que marcou o despertar definitivo do direito internacional para as questões ambientais. Num momento em que as organizações de defesa do ambiente eram tratadas como radicais, a Presidência da República de Mário Soares não hesitou em dar voz pública às suas reivindicações, a levá-la até às ruas, às escolas e a levar as denúncias e atentados ambientais aos poderes públicos, tendo ousado ser o único chefe de Estado do mundo presente no Fórum Global de 1992.

Recordo a idade que tinha, porque lembro-me precisamente das primeiras vezes que conheci Mário Soares. Era eu uma estudante na escola, com bochechas, tal e qual como tinha o Presidente, na altura, nestes encontros em que todas as crianças eram sensibilizadas para o ambiente, para o cuidado e o respeito pelo outro e, acima de tudo, para a participação na vida política. Soares colocou a proteção do ambiente e a proteção das futuras gerações no centro do debate político, inclusive quando, em 1994, numa presidência aberta, dedicou as prioridades do seu mandato ao ambiente e à qualidade de vida.

Enquanto Eurodeputado e cidadão ativo, Soares também não hesitou em criticar o extrativismo, o modelo económico vigente, o silêncio das organizações internacionais perante os desastres climáticos e a ganância de certos políticos, que não protegem o ambiente por estarem reféns de interesses económicos. Isto, sim, era fazer de Soares «Soares é fixe!».

Hoje, perante algumas centenas de políticos, muitos dos quais com pouca vontade de combater as alterações climáticas, acho útil lembrar as palavras de Mário Soares em 2013: «Pensem [...] no destino da Terra e dos humanos que podem desaparecer, bem como os filhos e netos, uma vez que estão a destruir o nosso planeta. [...] Porque fecham os olhos ao que dizem os cientistas sobre o que pode acontecer ao nosso planeta?» Palavras que permanecem infelizmente tão atuais neste centenário de Mário Soares.

Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, distintos convidados, recordo-me dos tempos em que as ruas se enchiam para debates e confrontos políticos e em que saíamos à rua precisamente porque havia debates em que ouvíamos na rua: «Soares é fixe!» Soares é precisamente isso: é lembrar que todas e todos podemos e devemos estar na política e podemos ir além dos nossos pensamentos, além das nossas crenças. Por isso, no seu centenário, honrar, defender e empreender esforços para concretizar a sua memória é renovarmos o seu lugar, é

renovarmos o legado de Mário Soares e lembrar que há um legado progressista, humanista, mas também ambientalista para cumprir.

*Aplausos do PS, do BE, do L e do Deputado da IL Mário Amorim Lopes.*

O Sr. **Presidente**: — Tem agora a palavra o Sr. Deputado João Almeida, do CDS-PP.

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Sr. Presidente da República, Sr. Presidente da Assembleia da República, Sr. Primeiro-Ministro, Sr. Presidente Ramalho Eanes, Entidades Cívicas, Militares e Religiosas, Srs. Membros do Corpo Diplomático, Sr.<sup>a</sup> Presidente do Conselho de Administração da Fundação Mário Soares e Maria Barroso, Dr.<sup>a</sup> Isabel Soares, Sr. Dr. João Soares, antigo Deputado a esta Câmara, Srs. Familiares e Amigos do Sr. Dr. Mário Soares, Srs. Convidados, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados: «Em democracia não há inimigos, mas simples adversários. O facto de nos encontrarmos em campos politicamente opostos nunca impediu a cordialidade, a estima recíproca, o apreço sincero e mesmo a amizade. A democracia deve fazer-se no confronto, por vezes sem tréguas, de ideias, de sistemas e de projetos políticos diferenciados, mas nunca pode nem deve dar lugar à destruição ou ao amesquinamento dos homens.»

Foi nestes termos que Mário Soares se dirigiu a esta Câmara, há quase 24 anos, no dia 10 de dezembro de 1980, referindo-se a Francisco Sá Carneiro e a Adelino Amaro da Costa, vítimas do atentado de Camarate, poucos dias antes.

É nesse espírito que evocamos o centenário do seu nascimento, assinalando as divergências profundas em relação ao adversário político e reconhecendo franca e lealmente o contributo positivo que deu à nossa democracia.

Uma vida política é feita de erros e de virtudes. O percurso de Mário Soares confronta-nos com uma coisa e com a outra.

Dito isto, queremos aqui evocar as centenas de milhares de portugueses que foram vítimas do seu maior erro político. Não poderíamos recordar o legado de Mário Soares sem lembrar os portugueses que, em 25 de abril de 1974, viviam nos territórios ultramarinos e que foram vítimas de uma descolonização apressada, desumana e irresponsável.

Essas centenas de milhares de portugueses tiveram de sair de África de um momento para o outro, deixando para trás não só os seus bens materiais, mas também uma vida que tinham construído com esforço.

*Aplausos do CDS-PP, de Deputados do PSD e do Deputado do CH Filipe Melo.*

Estes portugueses ficaram para sempre com um injusto rótulo de «retornados», tendo de reconstruir a sua vida do zero.

A todos os que já partiram e aos que ainda vivem com estas memórias de dor e de amargura, é devida uma palavra de reconhecimento e de respeito, que este Parlamento tem a obrigação de assinalar no momento em que evoca todo o legado político de Mário Soares.

Registada esta enorme divergência política, o CDS reconhece o contributo decisivo e convicto de Mário Soares para o triunfo da democracia em Portugal, desde logo no combate sem tréguas à extrema-esquerda e às suas intenções totalitárias.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — É justo reconhecer que Mário Soares, quando estava em causa a governabilidade e o interesse nacional, sempre procurou equilíbrios e apoios à sua direita e não à sua esquerda.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Com Soares, nunca houve maiorias construídas à esquerda do PS.

*Aplausos do CDS-PP e do PSD.*

São disso exemplo as sucessivas revisões constitucionais, sempre no sentido de libertar a Constituição dos seus complexos originários. E que diferença para uma parte significativa do Partido Socialista de hoje, que tantas vezes cede à tentação do radicalismo e do frentismo de esquerda!

**Vozes do CDS-PP, do PSD e da IL:** — Muito bem!

*Protestos dos Deputados do PS André Rijo e Nelson Brito.*

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Sr. Presidente da República, Sr. Presidente da Assembleia da República, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, assinalámos, há menos de um mês, o aniversário do 25 de Novembro, data decisiva para a concretização da democracia e da liberdade em Portugal. Nessa altura, reconhecemos e homenageámos sem reservas o papel de Mário Soares e do PS naquele contexto histórico muito difícil. Foi Mário Soares quem liderou a resistência política à tentativa de instauração de uma ditadura comunista em Portugal.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Para além da intervenção decisiva no 25 de Novembro, importa lembrar outro momento fundador da nossa democracia no qual Mário Soares também foi protagonista: o comício da Fonte Luminosa, uns meses antes, em junho de 1975.

O Sr. **Mário Amorim Lopes** (IL): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Nessa altura, Mário Soares exigiu corajosamente a demissão do então Primeiro-Ministro, Vasco Gonçalves, dando um passo decisivo para que a muralha de aço não resistisse à força do verdadeiro impulso democrático dos portugueses, que queria que a extrema-esquerda e os seus desvarios ruinosos fossem afastados do poder em Portugal.

**Vozes do CDS-PP e do PSD:** — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Mário Soares foi também decisivo na rápida integração europeia de Portugal. Logo em 1977, com o apoio do PS, do PSD e do CDS, apresentou o pedido de adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE), mais uma vez contra a vontade expressa pelo PCP e pela UDP (União Democrática Popular) neste Parlamento.

**Vozes do CDS-PP e do PSD:** — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Esse pedido veio a concretizar-se menos de 10 anos depois, a 12 de junho de 1985, com a assinatura do Tratado de Adesão pelo próprio Mário Soares, enquanto Primeiro-Ministro de Portugal.

O Sr. **Paulo Núncio** (CDS-PP): — Muito bem!

O Sr. **João Pinho de Almeida** (CDS-PP): — Com a mesma frontalidade com que criticamos o legado de Mário Soares na descolonização, reconhecemos a sua importância na derrota do comunismo e do extremismo de esquerda e na consolidação definitiva de uma democracia liberal e de uma sociedade livre, bem como na integração europeia de Portugal.

Durante todos estes anos, várias gerações de políticos do CDS travaram batalhas muito duras com Mário Soares, como foram disso exemplo as candidaturas presidenciais de Diogo Freitas do Amaral e de Basílio Horta.

Nunca deixámos de lhe dar combate e nunca deixámos de contar com a sua réplica sagaz. A democracia é isso mesmo: oposição leal, acutilante e honesta.

Mário Soares é uma figura histórica incontornável para os seus opositores e para os seus seguidores. Salientando o percurso, a convicção e a coragem com que travou as suas batalhas, lembramos hoje o adversário político que nos deu luta e que continua a justificar tanto a nossa divergência, como o nosso respeito.

*Aplausos do CDS-PP, do PSD e da IL.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra, para uma intervenção, o Sr. Deputado Paulo Muacho, do Livre.

O Sr. **Paulo Muacho** (L): — Sr. Presidente da República, Sr. Presidente da Assembleia da República, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Membros do Governo, Sr. Primeiro-Ministro, Ex.<sup>mos</sup> Representantes dos Tribunais, das Chefias Militares e demais dignatários, saúdo em especial a família de Mário Soares, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, Caros Concidadãos: Nunca conheci Mário Soares como político no ativo. A minha geração tem talvez uma vaga memória de, algures da nossa adolescência, um antigo presidente ter decidido candidatar-se novamente à Presidência da República. Mas isso não significa que a sua memória não seja recordada nos livros de História, na televisão, nos discursos políticos, na sua intervenção cívica e política, sempre presente na nossa memória coletiva.

Hoje, esta sessão evocativa assinala o centenário do nascimento do advogado, do político e do estadista Mário Soares. Recordamos o resistente antifascista, o exilado político, o lutador pela democracia e pela integração europeia. Recordamos também o homem, com todos os seus defeitos e contradições, que nunca trabalhava para ser adorado ou bajulado, o homem que se movia por ideais e causas.

Mas seria um desserviço ao próprio Mário Soares se transformarmos esta sessão num mero ritual ou num exercício de recordação histórica. Mário Soares não é um político do passado, mas do futuro, e, nestes minutos, é desse futuro que queremos falar.

Mário Soares foi um defensor dos Estados Unidos da Europa e do federalismo europeu. Teve um papel determinante em colocar Portugal no caminho para aceder às comunidades europeias, assinando o pedido de adesão em 1977 e em 1985, enquanto Primeiro-Ministro, no momento dessa adesão de Portugal ao projeto europeu — este momento crucial na história da democracia portuguesa em que, do «orgulhosamente sós», passámos para o País europeu que quer construir em conjunto e em cooperação.

Mas Mário Soares acreditava que o projeto europeu podia ser muito mais e era, por isso, um verdadeiro federalista. Acreditava que a criação de um Governo político e democrático da União Europeia era o caminho para a saída dos impasses institucionais e era, sobretudo, um caminho para garantir a posição de Portugal no mundo e no seio dos outros povos. Mesmo nos momentos mais sombrios, como na última grande crise — ou melhor, sobretudo nos momentos mais sombrios —, Mário Soares acreditou sempre no sonho de uma Europa unida, democrática e plural.

Acreditou sempre nesse sonho de uns Estados Unidos da Europa, e nós revemo-nos nesse sonho. Acreditou sempre que só juntos e em cooperação conseguimos prosperar. Este é um futuro que continua hoje a fazer sentido.

Em segundo lugar, Mário Soares amava as coisas boas que a vida tem: a convivialidade e, sobretudo, o descanso e o tempo livre. Isso não é uma coisa menor, bem pelo contrário. Ficaram famosas as sextas que fazia sempre que possível, mesmo durante as campanhas eleitorais mais duras, quando todos sabemos que elas fazem mais falta.

O direito ao descanso, ao nosso tempo e ao equilíbrio entre a vida profissional e familiar são temas muito caros ao Livre nos debates que temos de fazer no século XXI. Falamos de futuro quando falamos da redução da jornada de trabalho ou na semana de quatro dias. Como Soares, sabemos que não vivemos apenas para trabalhar.

Por fim, Mário Soares ficará na história como alguém que lutou contra a ditadura e que foi decisivo na construção da nossa democracia e no evitar de uma guerra civil. Acreditou sempre na importância de um regime democrático que incluísse todas as sensibilidades do País, da esquerda à direita, como o único caminho para afastar decisivamente o País das tentações de regresso da extrema-direita, da ditadura, da guerra e da fome.

O Sr. **Pedro dos Santos Frazão** (CH): — Ah...!

O Sr. **Paulo Muacho** (L): — Dizia que a democracia nunca devia «dar lugar à destruição ou ao amesquinamento dos homens», palavras que deviam ecoar hoje mais neste Parlamento.

Não sabemos como Mário Soares se sentiria hoje ao ver o estado da nossa política, o populismo saudosista dos tempos da outra senhora, os que tentam pôr portugueses uns contra os outros. Logo ele, que fez questão de ser o presidente de todos os portugueses.

De uma coisa temos a certeza: Mário Soares continuaria sempre a lutar, porque, como recordava muitas vezes, «só é vencido quem desiste de lutar».

Mas até isso devemos trazer do passado para o presente. Soares hoje lutaria contra o quê? Lutaria pelo quê? Republicano convicto, nunca deixaria que o nosso regime democrático tivesse o mesmo fim que a 1.<sup>a</sup> República. Soares nunca aceitaria a passividade perante o perigo. Soares nunca aceitaria o enxovalhar das instituições. Soares não encolheria os ombros ao ataque a portugueses de minorias étnicas. Soares não aceitaria que se usasse os estrangeiros como bodes expiatórios.

*Aplausos do L, do PS e do BE.*

Falamos demasiadas vezes dos nossos grandes, mas pouquíssimas vezes estamos dispostos a ser como eles. Com essa convicção, continuaremos sempre a lutar pelo País livre que Mário Soares lutou por construir, por uma Europa unida, democrática e plural, pelo mundo que queremos e sonhamos construir; por um Portugal democrático, solidário com a autodeterminação dos povos e orgulhosamente antifascista.

Continuaremos sempre a lutar e nunca seremos vencidos, porque nunca desistiremos de lutar.

*Aplausos do L (de pé), do PS, do BE e do PAN.*

*Protestos do Deputado do CH Pedro Pinto.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra, para uma intervenção, o Sr. Deputado António Filipe, do Partido Comunista Português.

O Sr. **António Filipe** (PCP): — Sr. Presidente da República, Sr. Presidente da Assembleia da República, Sr. Primeiro-Ministro e demais Membros do Governo, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, Ilustres Convidados: Passam amanhã 100 anos sobre o nascimento de Mário Soares. Em nome do PCP, transmito aos seus filhos, João e Isabel, e aos demais familiares saudações, na passagem desta data a que compreensivelmente atribuem natural significado. A saudação é extensível ao Partido Socialista, que tem em Mário Soares a sua referência maior enquanto fundador e dirigente.

A centenária história do PCP, que se confunde com a luta do povo português contra a opressão, pela liberdade, pela democracia e pelo socialismo, cruzou-se, ao longo de muitas décadas, com a ação política de Mário Soares, em lutas comuns contra o fascismo, em momentos de confronto sobre os caminhos a seguir pela revolução portuguesa, em convergências e divergências que marcaram o relacionamento entre comunistas e socialistas ao longo das décadas que levamos da democracia portuguesa — confronto que, da nossa parte, foi assumido com frontalidade, marcado pela coerência das nossas posições, mas também pautado por relações de respeito mútuo.

Recordamos em Mário Soares o participante de décadas de luta antifascista, no apoio às candidaturas de Norton de Matos e de Humberto Delgado, no Movimento de Unidade Democrática e no MUD Juvenil, na luta comum pelo derrubamento do fascismo.

Reconhecemos em Mário Soares o advogado que, perante os tribunais plenários, defendeu dirigentes comunistas, como Octávio Pato.

Mas este reconhecimento não apaga o que nunca silenciámos na crítica e também no combate ao papel negativo que Mário Soares desempenhou para travar a revolução e viabilizar o processo contrarrevolucionário, na sua opção de procurar o apoio para a sua ação nas forças de direita e mesmo em quem, a partir do estrangeiro, conspirou contra Abril e a jovem democracia.

Na revolução portuguesa, é sabido que não só não tivemos o mesmo percurso como, em questões decisivas — como o papel do Movimento das Forças Armadas no processo revolucionário, o movimento sindical, a legislação laboral, a reforma agrária, o controlo público de alavancas fundamentais da economia nacional —, estivemos mesmo em campos diametralmente opostos.

Fizemos uma frontal oposição aos Governos liderados por Mário Soares entre 1976 e 1977 e entre 1983 e 1985. Contestámos e combatemos, no Parlamento e nas ruas, opções políticas fundamentais desses Governos, que abriram as portas à liquidação de conquistas da revolução, nomeadamente nos planos económico e social, incluindo o ataque aos direitos dos trabalhadores.

Não compartilhámos com Mário Soares as suas convicções europeístas, enquanto federalista que sempre se afirmou, defensor de um processo de integração europeia que consideramos lesivo da soberania e da independência nacional.

Mas, em 1986, votámos em Mário Soares para Presidente da República, por considerar que a eleição do candidato que reunia o apoio das forças reacionárias poria em perigo uma democracia portuguesa ainda frágil e ameaçada por uma direita ameaçadoramente revanchista que era imperioso derrotar nas urnas. Tomámos essa decisão tendo em conta um passado recente de oposição e animosidade, mas foi a decisão acertada.

Com Mário Soares como Presidente da República, mantivemos uma postura de cooperação institucional. Nem sempre concordámos com as suas opções, nomeadamente com a abertura da porta a 10 anos de Governos de direita, mas reconhecemos que a sua atuação no segundo mandato, entre 1991 e 1996, desempenhou um papel relevante na limitação dos poderes de uma maioria parlamentar absoluta de direita que governou o País entre 1987 e 1995.

Nesse quadro, a realização do congresso «Portugal, Que Futuro?», que decidiu patrocinar e no qual os comunistas participaram, deu uma contribuição importante para a reflexão sobre os caminhos do futuro para Portugal.

Após a cessação de funções como Presidente da República, Mário Soares manteve uma intervenção política de que nunca abdicou. Como Deputado ao Parlamento Europeu, como candidato à Presidência da República, como dirigente da fundação que tem o seu nome, desenvolveu uma intervenção política intensa, com elementos diferenciados que, no entanto, não eliminam opções cujas consequências negativas são hoje visíveis na realidade do nosso País.

*Aplausos do PCP, do BE e de Deputados do PS.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra, para uma intervenção, o Sr. Deputado José Soeiro, do Bloco de Esquerda.

O Sr. **José Moura Soeiro** (BE): — Sr. Presidente da República, Sr. Presidente da Assembleia da República, Sr. Primeiro-Ministro e Membros do Governo, Srs. Convidados, Amigos e Família de Mário Soares, João e Isabel Soares, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados: Há um Mário Soares para quase todas as bancadas deste Parlamento. Com razão e graça, era o próprio que assumia: «Já toda a gente votou em mim, já toda a gente votou contra mim.»

Não tenho idade suficiente para pertencer a estes dois grupos, mas tenho idade bastante para me lembrar de um Presidente que defendeu o direito à indignação quando o povo bloqueou a Ponte 25 de Abril, no fim do cavaquismo, e que, junto com jovens estudantes, se bateu contra o afogamento das gravuras de Foz Côa pela ignorância e boçalidade de um Governo rendido à EDP (Energias de Portugal).

Tenho idade suficiente para guardar uma outra memória, mais viva, de um Mário Soares que, muito depois de ter sido Presidente eleito com mais de 70 % dos votos, renunciou ao conforto, ao consenso, à suposta pacatez da idade e do estatuto e se mobilizou, a chegar aos 80 anos, contra a Cimeira das Lajes e contra a guerra do Iraque — que considerou um «crime irreparável» —, contra Bush, Durão, Aznar e Blair, o líder da terceira via a quem chamou «um vigarista».

Tenho idade bastante para me lembrar do Mário Soares que, em 2013, a abeirar-se dos 90 anos, convocou todas as esquerdas para a ação da Aula Magna, em defesa da Constituição, da Democracia e do Estado Social, contra a política da troica, contra o Governo de Passos e a subserviência de Cavaco, então Presidente; que criticou o neoliberalismo podre, a finança que mata. Foi esse Soares que saudou a solução política encontrada em 2015.



Mas a vida de Soares tem muito mais passado para além desse. Em toda a segunda metade do século XX português, encontramos-lo sempre. Foi um dos maiores protagonistas da política portuguesa e marcou-a indelevelmente.

Foi combatente anticolonial e antifascista, advogado de presos políticos. Foi preso político 12 vezes, deportado para São Tomé e exilado em França, onde escreveu *Portugal Amordaçado*. Foi militante do PCP até 1950 e foi o fundador de uma corrente socialista autónoma na oposição ao fascismo, nos anos 60, e do Partido Socialista, em 1973. Foi constituinte e fundador do regime constitucional de 1976, foi ministro dos Governos provisórios, foi Primeiro-Ministro e Presidente da República.

Ao longo da sua longa vida, aliou-se com a esquerda e opôs-se à esquerda, privatizou e criticou as privatizações, liberalizou e criticou o liberalismo, precarizou o trabalho e criticou a precariedade. Foi o mais comprometido obreiro da integração de Portugal na União Europeia; censurou ferozmente, nos últimos anos da sua vida, a desorientação neoliberal da União Europeia.

Foi contraditório e frontal nas lutas que escolheu. «Morre quem desiste», terá dito.

Enquanto Presidente da República, foi a Gaza e interveio em nome da paz. Tinha relações com Israel e com a Palestina. Era amigo de Yasser Arafat. Estava com Arafat em Gaza, em novembro de 1995, quando, em Telavive, um israelita de extrema-direita puxou o gatilho contra Yitzhak Rabin, então líder israelita, que perdeu a vida com dois tiros certos. Já antes disso, Soares fora convocado por Arafat para ser mediador, recebera o líder palestino em Belém e irritara o Governo de então por não desistir de procurar soluções pelos dois Estados e de assumir as suas posições.

Foi sempre marcante, nunca teve medo e nunca se calou.

Não se importava que não gostassem dele. Ia em frente, seguia a intuição, disputava a relação de forças e a hegemonia. Foi corajoso e livre. Teve os melhores e os piores amigos. Acertou e errou, como todos os seres humanos. Venceu e foi derrotado. Lutou com convicção, indignou-se e nunca pediu desculpa por ser político e por viver intensamente a política.

Gostava do prazer da vida, da gargalhada solta, da sesta, da imperfeição, do erro, do dissenso, da complexidade da democracia, do contraditório, da heterogeneidade dos feitos e dos defeitos.

Nem pai do povo, nem mito profano. Republicano, socialista e laico, sim, como o próprio se definiu. Merece tudo, menos a condescendência da despolitização e do consenso.

Com Soares e contra Soares é sempre uma forma de partir de Soares. E é porventura o modo elevado de reconhecimento que merece um político como Soares: 100 anos depois de ter nascido, continuarmos a discutir com ele.

*Aplausos do BE, do PS, do PCP, do L e do PAN.*

O Sr. **Presidente**: — Tem agora a palavra o Sr. Deputado Rodrigo Saraiva, da Iniciativa Liberal.

O Sr. **Rodrigo Saraiva** (IL): — Sr. Presidente da República, Sr. Presidente da Assembleia da República, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, Ilustres Convidados, Familiares, João e Isabel: Todas as grandes personalidades criaram luzes, todas as grandes personalidades têm sombras. Todas têm facetas contraditórias. E Mário Soares, que hoje aqui evocamos, não é exceção.

Mário Alberto Nobre Lopes Soares tinha virtudes e defeitos, era um ser humano imperfeito. Era, por isso, além do seu percurso político, um homem comum.

Neste centenário do seu nascimento, devemos concluir que o balanço global da sua atuação política é positivo. Em momentos fundamentais da nossa democracia, ele esteve mesmo do lado certo.

Estava certo quando combateu o Estado Novo, colocando-se sem tibiezas ao lado da liberdade. E, por isso, sofreu prisões e o exílio.

Estava certo também em 1973, quando fundou um partido, convicto de que a oposição ao regime não poderia ficar sob a hegemonia do Partido Comunista.

Estava certo durante todo o verão quente de 1975, quando não vacilou no combate às novas tentações totalitárias, demonstrando coragem física e política, como se viu em ocasiões tão diferentes como no 1.º de Maio de 1975, em Lisboa, ou, mais tarde, na campanha presencial de 1986, na Marinha Grande.

Deixou bem claro que o PCP e a extrema-esquerda não tinham o monopólio da rua, em momentos como o comício da Fonte Luminosa, em julho de 1975, uma das mais impressionantes manifestações alguma vez realizadas em Portugal. Três meses antes, as urnas eleitorais tinham demonstrado que, afinal, essa rua, ao contrário do que aparentava com o seu estridente sectarismo, não valia mais de 15 %.

Soares também deixou claro que o PCP e a extrema-esquerda não tinham o monopólio da palavra, mesmo quando assaltavam órgãos de informação para imporem a sua cartilha, como aconteceu no jornal *República* e na Rádio Renascença.

**Vozes da IL:** — Muito bem!

O Sr. **Rodrigo Saraiva** (IL): — Já vencedor nas urnas, venceu também o célebre frente-a-frente com Álvaro Cunhal, na RTP (Rádio Televisão de Portugal), em novembro de 75, quando o espectro da guerra civil pairava sobre Portugal. Fez então deslocar a esquerda para o centro, para a moderação democrática — passe a redundância.

Foi anticomunista sem deixar de ser antifascista. Era socialista, mas acima de tudo um democrata, como sublinhou Filipe González, há quase oito anos, assinalando o seu falecimento.

A minha geração, que nasceu e cresceu já depois do derrube da ditadura, aprendeu também com ele, e por ele, que a liberdade não tem donos e que a democracia não pode ter receio de enfrentar os seus inimigos, tanto os que a combatem por fora, como aqueles que a tentam sabotar por dentro.

Bastaria a sua ação naquele ano e meio subsequente à Revolução dos Cravos para lhe garantir um lugar na história.

Quando o 25 de Novembro reconduziu o País ao espírito original do 25 de Abril, ele, como rosto principal, emergiu como um dos seus líderes naturais do espaço democrático, sendo justo lembrar aqui também os nomes de Francisco Sá Carneiro e de Freitas do Amaral. Também é justo recordar outros socialistas que participaram neste combate, como Salgado Zenha e Manuel Alegre, dois camaradas seus que conheceram bem as luzes e as sombras de Mário Soares.

Soares destacou-se, e destacou-se com outros em planos que os democratas valorizam, como o fim da tutela militar sobre o regime, que só terminou em definitivo com a extinção do Conselho da Revolução, algo que só se tornou possível com a revisão constitucional de 1982, ou com o início do processo de adesão do nosso País à então Comunidade Económica Europeia, pela sua mão, nos claustros do Mosteiro dos Jerónimos.

Soares soube, desde o início, que não haveria democracia plena em Portugal dissociada da nossa integração nesse amplo espaço comunitário, e os portugueses recompensaram-no, elegendo-o como primeiro Presidente da República civil, após 60 anos de presença militar na chefia do Estado.

Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, sendo um dos pais do nosso sistema democrático, tem parte da paternidade de características já referidas: as eleições livres, a liberdade de expressão ou a integração europeia. Mas tem também parte na paternidade de outras características do sistema que cresceram e perduram: o centralismo, um Estado omnipresente e a dependência deste, o compadrio, o despesismo e o dirigismo.

Se nas primeiras, a ele e a outros, fica o nosso agradecimento, a estas últimas fica o nosso compromisso de as continuar a combater.

*Aplausos da IL.*

Como referi no início, há sempre sombras nos percursos dos grandes homens.

Primeiro-Ministro em dois períodos diferentes, foi ele a chamar de emergência o FMI (Fundo Monetário Internacional) para travar a bancarrota, que parecia inevitável. E pior seria se Soares não tivesse «metido o socialismo na gaveta», expressão que ele popularizou, motivando-lhe muitas críticas à sua esquerda.

Enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros, ficou, mais que uma sombra, uma imensa marca de dor e perda, não em si, mas em milhares, em centenas de milhares, que tiveram de, sem qualquer preparação e sem escolha, largar as suas vidas e recomeçar em Portugal.

*Aplausos da IL.*

Uns eram os «retornados», mas muitos já eram, após muitas gerações, mais de lá do que de cá.

Anos depois, a partir do Palácio de Belém, a forma como geriu os assuntos de Macau, como única competência executiva que lhe restava enquanto Presidente da República, teve aspetos que suscitaram muitas dúvidas e o incomodaram na campanha para a sua reeleição, em 1991. Macau, uma sombra que a muitos foi útil.

Eis-nos neste espaço histórico, onde ele tantas vezes marcou presença a evocar o seu percurso político.

Soares foi um homem que soube «subir ao povo», na expressão cunhada pelo poeta Pedro Homem de Melo. Um dos seus maiores amigos, António Campos, lembrava-o assim há dias numa entrevista: «O Mário Soares não perdia a noite com a política, só perdia o dia. Era um homem que amava a vida e conseguia conciliar a política com o gozo brutal de viver. Tinha um prazer enorme de viver». Esta era outra característica de Mário Soares que vale a pena destacar e recordar, esta ligação à vida, sem a qual toda a ação política é estéril, como se, no fundo, com as suas luzes e as suas sombras, acabasse por ser semelhante a qualquer um de nós.

*Aplausos da IL e de Deputados do PSD, do PS e do CDS-PP.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado André Ventura, de Grupo Parlamentar do Chega.

O Sr. **André Ventura** (CH): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, Caros Convidados Cívicos e Militares, dirijo-me também especialmente à família de Mário Soares, em especial aos filhos, mas também à família e aos amigos que, hoje, estão aqui presentes: Nesta intervenção começo por recordar o óbvio — o papel incontornável do homem que marcou, também, o 25 de Novembro, que nos impediu, e lutou por isso, de ter uma ditadura de sinal contrário, marcada pelo apoio da União Soviética, e do homem que deu os primeiros passos na Europa por parte de Portugal.

Mas não podia estar hoje neste Plenário, perante a minha consciência e perante o País, se não deixasse claro e transmitisse, em nome do partido a que presido, que esta cerimónia solene, desta forma, neste modelo, não deveria acontecer, nem estar a acontecer.

Quem foi Mário Soares? O que nos deixou e aquilo que quis para o futuro de Portugal? Se foi tudo o que acabei de dizer, Mário Soares é também cúmplice e ativista de um sistema de «donos disto tudo», que se iniciou à sua sombra e que se manteve à sua sombra, durante muitos anos após 25 de Abril de 1974.

À sombra de Mário Soares, muitos enriqueceram, por si ou por seu intermédio. À sombra de Soares, muitos ficaram com dinheiro do Estado, sem nunca o devolver, e cobrindo-se, institucionalmente, de um País que era incapaz de andar para a frente, porque tinha sempre o medo de uma revolução ou de uma contrarrevolução. À luz e às mãos de Mário Soares, o PS, ou aquilo que era o PS, ou esse espírito do PS, apoderou-se do aparelho de Estado português.

E os donos disto tudo, em vez de lutarem e de fazerem pela democracia, lutaram e fizeram para se apoderar dos mecanismos do Estado, daquela que era a riqueza do Estado, daquele que era o poder do Estado.

Ficou célebre a frase, Sr. Presidente, perdoem-me por recordá-la, de Mário Soares após ser apanhado numa multa de trânsito, a 199 km/h. Disse então Mário Soares: «Não se preocupem, o Estado paga». É este «o Estado paga» que marcou e marca uma cultura de absoluta impunidade, de apropriação do aparelho do Estado e de apropriação do dinheiro público que os portugueses não podem aceitar, que nós não podemos aceitar, que o País não deve aceitar.

*Aplausos do CH.*

À sombra de Mário Soares criou-se uma cultura de impunidade política, que se desenvolveu até hoje, e deixa até hoje, as suas teias e o seu rasto.

Permita-me novamente, Sr. Presidente, recordar a visita ao então Primeiro-Ministro José Sócrates, num ataque claro à justiça portuguesa, dizendo: «Esse grupo de malandros, que querem atacar um Primeiro-Ministro exemplar»!

*Risos do CH.*

Sr. Presidente e Srs. Deputados, nenhum gosto de viver, nenhum gosto de partilhar, nenhum gosto de ser mais livre ou menos livre, pode tolerar aquilo que foi uma das maiores operações históricas portuguesas, não pelos escravos, não pela Celeste nem pela Maria, não pela democracia nem pela liberdade, mas por uma das maiores apropriações de sempre do Estado, que ainda hoje estamos a pagar e de que Mário Soares é também cúmplice, em Portugal. Estamos ainda a pagar por ela, não queremos pagar mais por ela!

**Vozes do CH:** — Muito bem!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Sr. Presidente e Srs. Deputados, foi já referido, não apenas pelo Chega, o processo de descolonização desastrosa e desumana que Mário Soares também encabeçou.

Permitir-me-á novamente esta interpelação: «Atirá-los aos tubarões». A frase de 1977 marcou uma geração e uma geração empenhada, também, na sua liberdade. Atirar os brancos aos tubarões. Atirá-los nas províncias, para aqueles que resistiam a uma descolonização mal feita e a um império que se perdia, definitivamente. Atirá-los aos tubarões em Angola, em Moçambique, na Guiné, em Timor.

**Vozes do CH:** — Muito bem!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Atirá-los aos tubarões, àqueles que lá estavam ainda, a lutar porque tinham sido abandonados, não por qualquer direita, não por qualquer esquerda, mas por aqueles que governavam Portugal. Abandonámos as nossas colónias e abandonámos aqueles que lá viviam, deixando tudo para trás.

*Aplausos do CH.*

E, Sr. Presidente, para quê atirá-los aos tubarões, se anos depois eles faziam as malas para vir para cá viver, muitos voltando ao País contra o qual lutaram, à capital que odiaram e à capital que quiseram um dia incendiar? Voltam, agora, como voltam para toda a Europa. Basta ver que a descolonização deixou os seus frutos ainda marcados.

Só em Moçambique, à hora a que estamos agora, mais uma guerra civil, deixada pelos amigos daqueles que lá ficaram, provoca ainda 80 mortes nas últimas duas semanas, por um processo eleitoral mal feito.

**Vozes do CH:** — Muito bem!

O Sr. **André Ventura** (CH): — Sr. Presidente e Srs. Deputados, não podemos, nem depois de morrer, nem 100 anos depois de nascer, ser branqueados na nossa responsabilidade. Nós falhámos aos retornados, falhámos às colónias, falhámos aos ex-combatentes. Mário Soares também é responsável por isso mesmo.

*Aplausos do CH.*

«Se necessário, disparem sobre os que lá estão». A frase é de agosto de 1974. Referia-se, então, aos brancos que, nas colónias, lutavam ou permaneciam em luta. Mas referia-se, mais do que isso, aos portugueses que tinham sido abandonados nas antigas províncias. A frase é de agosto de 1974, quando muitos dos nossos soldados ainda estavam em território ultramarino, quando muitas das nossas Forças Armadas ainda estavam ao seu abandono no território ultramarino. «Disparem, se necessário, sobre os que lá estão». Nenhuma frase pode ser branqueada com isto. Nenhum capítulo histórico pode ser encerrado com isto.

**Vozes do CH:** — Vergonha!

O Sr. **André Ventura** (CH): — «Sr. Guarda, desapareça, nós não queremos polícias», terá dito também Mário Soares, na Presidência Aberta de 1993. «Nós não precisamos de polícias. Sr. Guarda, desapareça». Todos sabemos o papel que teve na amnistia que foi atribuída às FP-25 (Forças Populares 25 de Abril).

Sr. Presidente e Srs. Deputados, perante a minha consciência e perante a consciência do partido que represento, nenhuma cerimónia evocativa podia algum dia esquecer aquele que é também um legado

profundamente negro daqueles que, depois do 25 de Abril, conduziram Portugal e de que Mário Soares é um dos principais responsáveis.

Nenhuma cerimónia, nenhuma flores, nenhuma evocação ou nenhuma dor, por mais que a família o sinta e que nós compreendamos essa dor e essa família, pode branquear ou obstaculizar aquilo que para nós é mais importante. Porque será sempre, sempre e sempre, em primeiro lugar, a Pátria portuguesa.

Havia um poeta que dizia sobre os sonhos: «Do mar e nós em ti nos deu sinal. Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez. Senhor, falta cumprir-se Portugal!». Mário Soares talvez tenha querido cumprir. Senhoras e Senhores, falhou.

*Aplausos do CH, de pé.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado António Rodrigues, do Partido Social Democrata.

O Sr. **António Rodrigues** (PSD): — Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da República, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Assembleia da República, Sr. Primeiro-Ministro e demais Membros do Governo, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Presidentes Tribunais Superiores e demais Altos Dignatários do Estado, Autoridades Cíveis, Militares e Religiosas, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Convidados: Recordar Mário Soares é celebrar Abril e o papel de todos aqueles que contribuíram para a construção da nossa democracia, sem atender a dogmatismos ideológicos e dissidências políticas.

**Vozes do PSD**: — Muito bem!

O Sr. **António Rodrigues** (PSD): — Na presença da sua família, deixo uma saudação especial aos seus filhos, Isabel e João Soares, recordando igualmente a sua mulher, Maria de Jesus Barroso, que o acompanhou ativa e interveniente ao longo de toda a sua vida.

*Aplauso do PSD, do PS, da IL, do BE, do L, do PAN.*

Falar de Mário Soares é desafiante e complexo. Mário Soares foi um verdadeiro animal político, dotado de uma capacidade oratória extraordinária, de uma personalidade forte e pouco dada a consensos. Falamos de uma das maiores personalidades da nossa Nação das últimas décadas. Falamos do homem que lutou contra a ditadura, por convicção, e que ajudou a construir Abril. Falamos do homem de convicções e ideais que nunca deixou de traçar as suas linhas vermelhas aos maiores opositores da liberdade. Falamos do homem que, a par de Francisco Sá Carneiro, lutou intransigentemente contra os radicalismos da esquerda e da extrema-direita, durante o PREC (Processo Revolucionário em Curso). Falamos do europeísta convicto que foi determinante para a adesão de Portugal às Comunidades Europeias. Falamos do político, inabalável construtor da democracia, que fez da liberdade o seu lema de vida e até ao fim dos seus dias serviu Portugal.

*Aplausos do PSD, do PS e do L.*

Falamos do político cujos detratores lhe atribuem responsabilidades no incómodo processo de descolonização e distante governação e cujos seguidores relembram pensamento, intuição política inata, capacidade intelectual e oratória.

A sua ação conduziu a todos os patamares da vida pública, de exilado ao mais alto cargo da Nação, e, a este propósito, aproveito para saudar o Sr. Presidente da República Ramalho Eanes, aqui presente, bem como o ex-Primeiro-Ministro Pedro Santana Lopes, que honram com a sua presença, o seu magistério e que fazem parte da nossa história.

*Aplausos do PSD, do PS, do CDS-PP e do Deputado da IL Carlos Guimarães Pinto.*

Mário Soares estaria na linha da frente do combate contra os radicalismos que assolam o nosso País e, em particular, contra todos aqueles que querem tornar este Parlamento uma mera política de espetáculo.

Por mais tarjas que se pretendam pendurar e muros que se pretendam erguer, não devemos nunca dar por adquirida a luta iniciada por Mário Soares após o 25 de Abril. A democracia não é um dado adquirido, constrói-se todos os dias, com e com todos, para todos. Ou como dizia Francisco Sá Carneiro: «A democracia é difícil e exigente, mas dela não nos demitimos.»

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

O Sr. **António Rodrigues** (PSD): — Numa época em que o descrédito alimenta a atualidade política, não nos esqueçamos nunca da missão que assumimos: servir o povo português.

A política de espetáculo a que alguns recorrem, perante a fragilidade da sua incapacidade de intervenção política, mais não é do que fumaça para os reais problemas de Portugal. A luta política não se faz de homens providenciais ou heróis improváveis. Mário Soares seria o primeiro a regressar à Fonte Luminosa para lutar contra todos aqueles que, nos nossos dias, põem em causa as liberdades fundamentais dos cidadãos, divertindo-se com diversas manobras de infantilização desta Assembleia.

*Aplausos do PSD e do CDS-PP.*

Como Mário Soares, em 2011, afirmou: «Sem liberdade política nada se passa, só se entra, a prazo, em decadência. O grave é que pode haver muitos recuos civilizacionais. No passado, como a história nos ensina, já houve muitos.»

Quisemos o seu exemplo para sermos defensores intransigentes da democracia. Num dia pede-se a estabilidade, no outro grita-se por eleições. Que usemos o exemplo de serviço de Mário Soares para colocarmos o serviço do País à frente de interesses pessoais.

*Aplausos do PSD.*

Esperamos que outros anunciados responsáveis não assumam a tentação do populismo e da palavra fácil e mantenham premente o interesse nacional e a estabilidade política.

Em tempos de insegurança mundial, onde cada vez mais se receiam as guerras militares e económicas, impõe-se a estabilidade aos países, as condições de governação, acima de posições mesquinhas e manobras de poder. Impõe-se o serviço ao cidadão e a representação de todos os portugueses.

Minhas Senhoras e Meus Senhores, honrar Mário Soares não é sinónimo de concordar com a sua ideologia. Honrar Mário Soares, sem dogmatismos, é defender impiedosamente a liberdade, que se conjuga com estabilidade, seriedade e saber.

«Não sou um líder, sou um cidadão normal, que se vê como tal e que, de vez em quando, dá umas opiniões. São erradas ou certas, os outros que o digam. Eu apenas digo o que penso e posso, claro, enganar-me como toda a gente». Disse-o em 2012.

Mário Soares enganou-se muitas vezes, mas lutou-se sempre por um Portugal isento de amarras e verdadeiramente livre.

Mário Soares foi um dos políticos mais marcantes das últimas décadas em Portugal, intuitivo, implacável e impiedoso. Nunca quis ser consensual, nunca confundiu ser popular com populismo, mantendo-se sempre firme às suas convicções. Era um homem de causas e não de missões. Não era um salvador da pátria. Nunca passou à reserva e manteve-se ao longo da vida sempre no ativo. Era um combatente que ajudou no momento próprio a devolver o País à sociedade civil.

A sua memória e a sua obra continuam presentes. Como ele próprio disse, «a liberdade é o maior bem que temos». É nessa dimensão que o reconhecemos: uma personalidade que ganhou, por direito próprio, o seu lugar na história.

*Aplausos do PSD (de pé), do PS, do BE, do L e do PAN.*

O Sr. **Presidente:** — Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Nuno Santos, do Partido Socialista.

O Sr. **Pedro Nuno Santos** (PS): — Sr. Presidente da República, Sr. Presidente da Assembleia da República, Sr. Primeiro-Ministro, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Membros do Governo, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, permitam-me também cumprimentar o Presidente do Partido Socialista, Carlos César, os fundadores do PS aqui presentes, antigos Secretários-Gerais do Partido Socialista e ex-Presidente da Assembleia da República, Ferro Rodrigues, e cumprimentar os familiares, os amigos de Mário Soares, na pessoa, permitam-me, dos meus camaradas e amigos Isabel Soares e João Soares.

*Aplausos do PS e do L.*

Costumo dizer que sou socialista desde que nasci.

*Risos de Deputados do CH.*

Na realidade, inscrevi-me na Juventude Socialista aos 14 anos e, depois, no Partido Socialista, logo que fiz 18.

O Sr. **Marcus Santos** (CH): — Nunca trabalhou na vida!

O Sr. **Pedro Nuno Santos** (PS): — Mário Soares era a minha referência política, o político português que mais admirava e com quem mais me identificava. Mas só tive o privilégio de o conhecer pessoalmente em 2005.

Nesse ano, Soares decide, com o apoio da Direção Nacional do PS, candidatar-se, pela terceira vez, à Presidência da República, aos 80 anos, poucos meses após ter dito «basta» à política. Era impossível para Mário Soares dizer que não ao seu partido e ao seu País. Já tinha sido tudo. Não precisava daquele último combate eleitoral para nada e o mais provável era não o vencer. Mas entendeu que tinha esse dever e foi candidato uma vez mais.

A primeira aparição pública depois de se saber que seria candidato foi num encontro europeu das juventudes socialistas, na Figueira da Foz. Foi recebido por mais de 2000 jovens de toda a Europa a gritar pelo seu nome. Mário Soares não era apenas uma referência para mim ou para os socialistas portugueses. Com 80 anos, era uma referência para muitos socialistas europeus. Aquela recepção marcou e impressionou Mário Soares.

À época, eu era Secretário-Geral da Juventude Socialista e fui convidado para dirigir a campanha jovem da sua candidatura presidencial. Foi uma honra e um privilégio. Entreguei-me o mais que pude a uma campanha que não se previa fácil. As pessoas gostavam muito de Soares e estavam gratas por tudo o que tinha feito, mas a idade era um tema difícil de ultrapassar.

Feito o escrutínio, sofremos uma pesada derrota, com 14 % dos votos. Soares convocou o núcleo duro da campanha para um encontro no dia seguinte. Eu, creio que como todos, fui deprimido para a reunião. A derrota era provável, mas ninguém esperava um resultado tão baixo. Estávamos todos acabrunhados e a carpir mágoas. Todos, menos um. O Dr. Soares estava animado, positivo e só falava do futuro. A sua preocupação era animar-nos e que nos focássemos no futuro e nas lutas seguintes.

Essa reunião impressionou-me e ensinou-me duas grandes lições.

A primeira foi o real sentido da frase «só é vencido quem desiste de lutar».

*Aplausos do PS.*

O combate cívico continuaria. Em democracia perdem-se e ganham-se eleições, mas só quem desiste é vencido. Mário Soares nunca desistiu, nós também não.

A segunda lição: não há idade de reforma para a intervenção política. Enquanto houver forças, não podemos parar de intervir e de lutar pelas nossas ideias.

Mas havia ainda uma terceira lição a retirar-se: a de que a vida política de Soares vale como um todo e que para a avaliar não podemos escolher o período que mais nos convém ou mais nos agrada, de acordo com a conjuntura do momento ou a posição que queremos defender.

*Aplausos do PS.*

A vida de Mário Soares confunde-se com a história de Portugal do século XX. Nasceu ainda na 1.<sup>a</sup> República. Passou mais de metade da vida em ditadura. Viveu os seus últimos 40 anos na democracia que tanto fez para construir.

Soares viveu a história não como espectador, mas como protagonista e lutador incansável contra a ditadura. Foi resistente, conspirador, agitador. Foi preso, deportado, exilado.

Ainda antes da Revolução, fundou e foi o primeiro Secretário-Geral do Partido Socialista.

#### *Aplausos do PS.*

Depois da Revolução, foi Ministro dos Negócios Estrangeiros, Deputado da Assembleia Constituinte, Deputado da Assembleia da República, Primeiro-Ministro de três Governos e duas vezes Presidente da República; foi ainda Deputado do Parlamento Europeu, sempre com o voto do povo.

Estes cargos públicos tiveram um princípio e um fim, mas o seu pensamento, a sua ação política e os resultados dessa ação vão perdurar e hão de inspirar muitos de nós no presente e no futuro.

Como disse, ainda ontem, o Sr. Presidente da República: «Mário Soares não é um herói do passado, é um herói do futuro».

A pluralidade dos períodos que viveu, as lutas que travou, os dilemas que enfrentou, numa vida entregue à construção e à consolidação da democracia, geraram, como é natural, leituras diversas e até contraditórias.

Quando recordam esse intenso percurso, muitos procuram depurar o verdadeiro Soares — aquele que, no seu entender, a história deve guardar como referência. Distinguem, assim, o verdadeiro Soares, que fez a barragem ao comunismo e foi capaz de fazer pontes com a direita, do Soares defensor da abertura do PS à esquerda. Distinguem o verdadeiro Soares, defensor incondicional do projeto europeu, do Soares crítico de uma visão neoliberal da Europa. Distinguem, no fundo, o verdadeiro Soares moderado do Soares radical.

Obviamente, quem dedicou sete décadas da sua vida à política expressou, em momentos distintos, diferentes opiniões e tomou diferentes posições. Mas tal não significa que o seu percurso seja marcado por contradições. Na verdade, Mário Soares esteve sempre do lado certo das lutas em que tomou parte.

Em tempos sombrios, Soares esteve do lado certo na luta contra a longa noite da ditadura, batendo-se com toda a sua inteligência e coragem. Gabava-se — e tinha esse direito — de nunca ter cedido perante a tortura do sono a que foi submetido.

Em tempos de esperança, mas também de aventureirismos, esteve do lado certo na luta pela liberdade e pela democracia.

Nos dois anos seguintes à Revolução de Abril, esteve do lado certo na defesa da liberdade imprensa, da liberdade sindical ou da democracia pluralista.

Principal vencedor civil e político do 25 de Novembro.

#### *Aplausos do PS e do L.*

Nunca hesitou sobre as datas mais marcantes da Revolução. Em resposta a Maria João Avilez disse, e cito, que «Houve cinco grandes datas marcantes na nossa Revolução: o próprio dia 25 de Abril; o dia 1 de Maio de 1974, com a ratificação popular da Revolução; as eleições para a Assembleia Constituinte, em 25 de Abril de 1975, que legitimaram nas urnas o processo político iniciado um ano antes; o dia 2 de Abril de 1976, com a aprovação da Constituição; a quinta data marcante foi a das primeiras eleições legislativas em 25 de Abril de 1976».

#### *Aplausos do PS e do L.*

Soares esteve também do lado certo na prioridade dada ao processo de descolonização.

Esteve do lado certo na convicção de que a consolidação democrática exigia a rápida adesão à CEE.

Esteve do lado certo no empenho que pôs no legado político que dizia ser o seu grande orgulho: o lançamento do Serviço Nacional de Saúde; a democratização da educação; a construção do Estado social democrático. Foi,



aliás, o que tratou de explicar ao *El País*, em 2014, quando lhe perguntaram do que é que mais se orgulhava na sua etapa de poder.

Soares esteve do lado certo na Revisão Constitucional de 1982, que pôs fim à tutela militar do regime democrático.

Esteve do lado certo quando uniu o País, após a sua eleição, em 1986, como Presidente de todos os portugueses.

*Aplausos do PS e do L.*

Mais tarde, em tempos de perplexidade, Soares esteve ainda do lado certo na crítica à hegemonia do neoliberalismo e à chamada terceira via. Em 2004, no diálogo de gerações, disse a Sérgio Sousa Pinto: «A terceira via de Blair — em que nunca acreditei, permita-me que o sublinhe — está completamente desacreditada pelos factos».

Soares esteve do lado certo na crítica feroz à austeridade imposta aos portugueses durante o período da troica.

Por fim, esteve do lado certo na procura de unir a esquerda contra uma direita radicalizada. Por isso promoveu, em 2013, dois encontros na Aula Magna que juntaram PS, PCP, Bloco de Esquerda, CGTP e UGT contra a austeridade e pelo cumprimento da Constituição,...

*Aplausos do PS, do BE e do L.*

... dois anos antes de a esquerda se unir de facto para «destroiquizar» o País, o que viria a acontecer em 2015.

Mário Soares esteve do lado certo em todas estas lutas.

Se aos olhos de muitos entrou em contradição ao longo do tempo, a minha convicção é a oposta. É minha convicção que o mundo mudou nestas décadas muito mais do que Mário Soares, e que as inflexões no seu posicionamento resultam mais dos efeitos do pêndulo da história do que de incoerências no seu pensamento.

*Aplausos do PS.*

Não existe contradição entre o Soares que lutou contra a hegemonia comunista em 1974 e 1975 e o Soares que, 30 anos depois, criticava a hegemonia neoliberal que tantas vezes denunciou ter colonizado o socialismo democrático.

Não existe contradição entre o Soares que, na década de 70, via na Europa a âncora do nosso progresso e o Soares que, 40 anos depois, criticava a União Europeia como espaço dominado pelo neoliberalismo e pelos egoísmos nacionais.

Não existe, assim, contradição entre o Soares moderado e o Soares radical. A sua visão da Europa, de Portugal e do PS continha em si mesma as respostas aos desafios que um mundo em mudança foi pondo à sua ação e ao seu pensamento. É por isso que nenhum fragmento do seu legado pode ser apropriado de forma seletiva, desligado do todo que foi o seu pensamento e a sua ação ao longo de décadas.

Ao longo dos 70 anos da vida política de Mário Soares coexistiram dois fios condutores que, de tão entrelaçados, quase se confundem. Por um lado, uma filosofia de vida feita de alegria de viver, da empatia com o outro, da coragem e da esperança no futuro. Por outro lado, a obediência ao núcleo de valores do socialismo democrático, a defesa da democracia pluralista, das várias liberdades, do Estado social de direito, da justiça social e do respeito por quem trabalha.

Em 2009, no meio da maior recessão que a economia mundial conheceu em quase 100 anos, Mário Soares escrevia, e cito, que «com o descrédito profundo no neoliberalismo, só há um caminho exequível e experimentado: o do socialismo democrático, da social-democracia, do trabalhismo — mas a sério, isto é, voltando aos antigos valores.

No mesmo ano, 2009, afirmava ainda que na Europa os socialistas, e cito, «têm de compreender que, no atual momento, os seus adversários são os conservadores e a direita e não a esquerda, mesmo a radical».

*Risos do PSD e do CH.*

Mário Soares revelou sempre uma capacidade singular de interpretar a realidade. Percebia, como ninguém, a relação de forças a cada momento para, com pragmatismo, tomar as decisões mais adequadas ao contexto em que vivia. Fê-lo sempre com mestria, sem nunca pôr em causa a matriz essencial dos valores do socialismo democrático.

O Partido Socialista foi uma das suas maiores obras. Um partido inserido na tradição histórica do socialismo democrático e da social-democracia europeia. O único partido português membro da Internacional Socialista. Um partido defensor radical da liberdade, da democracia pluralista, do progresso social e do primado da política e da democracia sobre o mercado.

O PS assumiu um papel central nos últimos 50 anos da história de Portugal: na construção e consolidação da nossa democracia; na integração europeia; na construção do Estado social universal; e na modernização económica de Portugal.

Mário Soares, para além de fundador e principal militante do PS, foi quem o liderou por mais tempo — cerca de 13 anos. É o partido que tenho a honra e o privilégio de hoje liderar.

Ao Dr. Soares quero dizer que nós, os seus camaradas, temos um orgulho imenso no legado que nos deixou e que tudo faremos para honrar. Também nós nunca seremos vencidos porque nunca desistiremos de lutar!

Obrigado, Dr. Soares. Obrigado, Presidente.

*Aplausos do PS (de pé), do BE, do L e do PAN.*

O Sr. **Presidente**: — Sr. Presidente da República, Sr. Primeiro-Ministro e demais Membros do Governo, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Presidentes dos Tribunais Superiores, Sr. Presidente António Ramalho Eanes, Sr. Presidente Eduardo Ferro Rodrigues, Sr. ex-Primeiro-Ministro Pedro Santana Lopes, Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Embaixadores, Ilustres Convidadas e Convidados, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel Soares, Sr. Dr. João Soares e restante Família, Caros alunos e alunas do Colégio Moderno, Minhas Senhoras e Meus Senhores: Hoje celebramos o nascimento de Mário Soares. Repito: celebramos.

Já por duas vezes invoquei Mário Soares nesta Assembleia: no dia 25 de Abril e no dia 25 de Novembro.

Hoje é — finalmente — o seu dia.

É a segunda vez em democracia que o Parlamento homenageia um político numa Sessão Solene. A primeira foi com Francisco Sá Carneiro, em 1990.

Mário Soares era então o Presidente da República. Nessa sessão, Soares explicava que Sá Carneiro marcou — e leio as atas — «pela sua personalidade inconfundível, frontalidade, patriotismo, coragem e inteireza de carácter», numa «época decisiva do nosso percurso democrático, tão repleto de dificuldades vencidas».

O Presidente Soares era, por aqueles dias, a chamada «força de bloqueio» aos Governos de Cavaco Silva. Mas achou mais importante homenagear Sá Carneiro do que marcar posição no xadrez político da ocasião.

*Aplausos do PSD.*

Em algumas sociedades acredita-se que o homem viverá o tempo em que for lembrado. Viverá o tempo em que lhe forem exaltadas as virtudes. Só isso justifica as elegias, os elogios, as estátuas e as homenagens. Lembramos, para não deixar esquecer. Lembramos, para manter vivo um legado.

Sr. Presidente, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, lamento se arrisco contrariar alguém, mas Mário Soares não é uma figura histórica, não faz parte do nosso passado. É bem presente e está presente em tudo o que fazemos e dizemos hoje.

Disse, na Sessão Solene do 25 de Novembro, que «Soares foi fixe». Corrijo — enganei-me! —, Soares é fixe!

Mário Soares foi o homem dos duros racionamentos do FMI, mas também das críticas, na Aula Magna, ao Memorando da troica e ao Governo de que fiz parte. O homem da admiração por Cunhal e da amizade com Spínola. O protagonista do 25 de Novembro. O responsável do resgate do Partido Comunista Português. O decisor da amnistia às FP-25 de Abril e da reabilitação dos homens do MDLP (Movimento Democrático de

Libertação de Portugal). O homem da Constituição de 1976 e do apoio convicto a sucessivas revisões constitucionais.

Combateu a ditadura, em nome do socialismo. Formou um Governo com o CDS, um partido não socialista que era, à época, o mais à direita no Hemiciclo. Participou até na Assembleia Magna da Social-Democracia, quando Marcelo Rebelo de Sousa era o líder do PSD. Soube sempre que a Europa era o lugar certo para Portugal, e procurou, ele próprio, um lugar europeu de destaque.

Era assim Mário Soares. Do indiscutível e inteligente sentido de humor, ao exacerbado sentido de Estado.

Os mais distraídos podem considerar muitos dos seus gestos como «contradições». Nunca foram «contradições», pelo contrário.

Muito mais que o fiel da balança, Mário Soares foi um pêndulo. Deslocava-se de um lado para o outro em função daquilo que acreditava ser o melhor para o País em cada momento, abdicando, quando em causa um bem maior, de dogmatismos, tanto ideológicos como partidários, sem inflexibilidades, sem intransigências.

Tudo para garantir o equilíbrio. Para garantir o equilíbrio de um sistema que um dia desenhara, no seu «Portugal amordaçado», antes mesmo da Revolução dos Cravos. Um Portugal europeu, um Portugal democrático, um Portugal pluralista.

Ainda durante o Estado Novo, Soares sonhou, desenhara e escreveu sobre um Portugal bem diferente. E fez por isso. Meu Deus, como fez. A minha invocação a Deus é mesmo para provocar saudavelmente, como crente que sou, o seu espírito mais laico.

**Vozes do PSD:** — Muito bem!

O Sr. **Presidente:** — Hoje o tempo é outro, mas os desafios nem por isso são menores. Por vezes, até são muito semelhantes.

Discutimos a liberdade de expressão e a pluralidade. O que podemos dizer e o que não gostamos de ouvir.

Discutimos o debate político no seu conteúdo, mas também na forma como o mesmo se faz: umas vezes mais inflamado, outras mais musculado.

Discutimos a polarização e o populismo. Discutimos o que devemos fazer, como devemos fazer e como reagir para garantir o equilíbrio.

O que hoje discutimos, Sr. Presidente, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, já Soares tinha antecipado. Como bom republicano que era, acreditava que esta Sala onde nos encontramos hoje não era, não pode ser, um problema. Esta Sala era, é e tem de ser a solução.

*Aplausos do PSD, do PS, da IL e do PAN.*

Que a polarização não se resolve com proclamações de virtude, mas com política. Fazendo política no sentido nobre que a palavra tem. Discordando, com lealdade. Negociando, com abertura. Construindo o futuro, com rasgo e visão.

Concordemos ou não, Mário Soares nunca deixou de assumir todas as suas decisões — e as consequências das mesmas —, mais ou menos populares, mais ou menos difíceis, com coragem e sentido de responsabilidade, mesmo que à custa de votos, apoios ou até de amigos. Uma boa prática que foi caindo em desuso nos nossos tempos.

O que fazemos do seu exemplo, sete anos depois da sua morte e cem anos depois do seu nascimento, só a nós diz respeito.

É nossa responsabilidade preservar a capacidade de sentar todos na mesma sala para que se entendam nos seus desentendimentos, para que concordem discordando, para que sejam iguais nas suas diferenças.

Preservar este seu legado não é uma questão de estima pessoal, é uma necessidade do próprio sistema político, desta nossa democracia.

Sr. Presidente, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, disse há pouco que Mário Soares não é uma figura histórica ou do nosso passado. É de hoje. Mas o que fizermos neste «hoje» dirá se Mário Soares também é futuro.

Regresso, por isso, àquela Sessão Solene de 1990 em que o Presidente Mário Soares evocou Francisco Sá Carneiro. Nesse dia, Soares subscreveu a proposta de ter Sá Carneiro — e cito novamente — «na galeria dos bustos que honram os grandes parlamentares do passado e que honram esta Casa».

Há poucas semanas, os serviços iniciaram o processo para termos, em 2025, um busto de Mário Soares na Assembleia da República.

*Aplausos do PSD (com Deputados de pé), do PS, do BE, do L e do PAN.*

Sei que ele apreciaria o gesto.

Tomo a liberdade de sugerir onde deverá ficar colocado: na Sala do Senado. Especificamente, na Sala do Senado.

Sei que Mário Soares não apreciaria especialmente a companhia de condes e duques.

*Risos.*

Mas aquela nobre sala precisa mesmo de alguém laico, republicano e até socialista.

*Aplausos do PS e do BE.*

Por uma questão de equilíbrio. É o último serviço ao País que lhe pedimos.

*Aplausos do PSD, do PS e do PAN (de pé), e da IL, do BE, do L e do CDS-PP.*

Dou a palavra a Sua Excelência o Sr. Presidente da República.

O Sr. **Presidente da República** (Marcelo Rebelo de Sousa): — Sr. Presidente da Assembleia da República, Sr. Primeiro-Ministro e demais Membros do Governo, Srs. Presidentes dos Tribunais Superiores, Sr. Presidente António Ramalho Eanes — que simbolicamente tão notável a sua presença nesta sessão. Bem-haja! —,...

*Aplausos do PSD, do PS, da IL, do L, do CDS-PP e do PAN.*

... Sr. Presidente Eduardo Ferro Rodrigues, Sr. Primeiro-Ministro Pedro Santana Lopes, Dr.<sup>a</sup> Isabel Soares, Dr. João Soares e demais Familiares de Mário Soares, Ilustres Convidados, Srs. Embaixadores, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados: Menos de duas semanas depois, agradeço o novo, honroso convite de V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Presidente, para a Sessão Solene de evocação dessa personalidade contemporânea singular que foi Mário Soares.

Mas porquê Mário Soares no centenário do seu nascimento que passa amanhã?

Porque foi um dos pais fundadores ou refundadores do sistema político e partidário português — foi, de facto, um dos pais fundadores da matriz do sistema partidário afirmado entre 1974 e 1976 — e do próprio sistema político democrático representativo de forte raiz parlamentar.

Pela importância das causas que abraçou durante toda a sua vida e pelas quais se bateu em ditadura, revolução e democracia, até nos deixar em 2017, a liberdade, a democracia e a Europa, foi, de facto, desde sempre, um militante da liberdade, da democracia e da Europa. E estas três palavras converteram-se em traços identitários do nosso constitucionalismo e da nossa vida todos os dias.

Mas não foi o único nem sempre, em fases dos últimos 50 anos, sobretudo a partir da transição do século, o cimeiro.

Pelas qualidades que revelou e que, algumas delas, cultivou e colocou com determinação, constância e brilho ao serviço das suas causas. Citarei apenas quatro, a meu ver, das mais salientes: a paixão pela política como obrigação cívica e entrega total desde a adolescência até ao fim da sua vida; a coragem física e psíquica ilimitada; a visão antecipadora do futuro; o poder sedutor de mobilizar nas ruas, como na revolução, e de aproximar o poder das pessoas, como na Presidência da República.

Foi de facto tudo isto e muito mais, em predicados invulgares como muito poucos outros. Na entrega total à política, na coragem aliada ao gosto do risco, na capacidade de antecipar e preparar o futuro, na sedução pela presença física e pela força oratória em momentos únicos da Revolução, tal como no enraizamento afetivo popular no novo regime.

E, num ou noutro destes predicados, foi várias vezes o melhor. Na antecipação de futuros, no arrebatamento das multidões, na proximidade aos portugueses — que lhe valeu acima de 70 % na reeleição, algo que mais ninguém obteve até hoje.

*Aplausos do PS.*

Mas foi só pelo ter sido fundador do sistema político e partidário, pelo ter abraçado as causas que abraçou, pelo ter sido, quase do nascer ao morrer, um exemplo de entrega total à política, pelo ter sido corajoso nas convicções essenciais e na resistência física, pelo ter sido antecipador de futuros e mobilizador e conquistador de almas em momentos decisivos, que se tornou tão diferente, tão diverso, tão singular.

Foi claro, por ter tão vasto somatório de traços distintivos. Não apenas um, ou uns, ou muitos, por os ter porventura mais e mais variados do que as mais variadas personalidades políticas do Portugal contemporâneo.

Mas a verdadeira razão de ter sido singular é outra e é tão fácil de entender: entre os anos 40 do século XX e a viragem do século, ele esteve e marcou tudo ou quase tudo o que foi decisivo em Portugal.

*Aplausos do PS.*

Militou com adesão e entrega na grande força em peso, organização e resistência, na oposição a Salazar e à ditadura; rompeu com ela ao intuir que o seu caminho dela teria de ser autónomo, próprio e distinto. Entendeu antes da maioria o que significava Humberto Delgado na implosão interna irreversível da ditadura. Estabeleceu uma rede de cumplicidades internacionais, raríssima num cavaleiro andante solitário, cansado do fechamento da sua pátria por causa da governação que a determinava.

Criou, ainda antes do 25 de Abril, um partido que pudesse ser uma alternativa à ditadura, não sendo a força histórica liderante da oposição, ou outros partidos, ainda a nascer, de grupos frágeis de centro e direita. Apostou na moderação de um setor do Movimento dos Capitães e, frustrado o spínolismo, sem estruturas militares e políticas suficientes, intuiu a missão do Grupo dos Nove. Rompeu com o frentismo unitário no Movimento Democrático Português e com o IV Governo Provisório e conduziu um novo frentismo civil do centro-esquerda à direita, que passou pela Alameda e culminou no 25 de Novembro com a vitória do Grupo dos Nove.

Em conjunto com outros partidos, nomeadamente o Partido Popular Democrático e o Centro Democrático Social, definiu traços essenciais do conteúdo constitucional em matéria política, mas confluuiu à esquerda na economia e na sociedade.

E, saindo do Governo, votou a Constituição. Chefuiu o I Governo Constitucional, pediu a adesão às comunidades europeias e, anos mais tarde, foi ele próprio a assinar o respetivo tratado.

*Aplausos do PS, do BE e do L.*

Protagonizou um longo período de tensão e depois afrontamento com o símbolo da vitória militar da Revolução e primeiro Presidente da República eleito, que envolveu a saída da liderança do partido para não o apoiar na reeleição de 1980. Mais tarde, a formação do bloco central e o combate das presenciais de 1986, em que, no início, ao mesmo tempo, defrontou praticamente toda a direita unida e, ao mesmo tempo, aquela esquerda que, a seu ver, permanecia demasiado ligada ao período anterior.

Na segunda volta, venceria a direita praticamente toda unida com o voto da esquerda unida. E, no dia seguinte, começou a estabelecer pontes com todos os portugueses.

Em Belém, coabitou com o protagonista emergente na mais longa e reformista governação de Portugal, durante um mandato, para, no mandato seguinte, abrir espaço para o partido vencedor da Revolução e dos primórdios da democracia, mas que estava afastado do Governo desde 1979 e estaria até 1995 com o pequeno interregno do bloco central de 1983 a 1985.

Projetou, como Primeiro-Ministro, líder partidário, Presidente da República, Deputado europeu e candidato presidencial, Portugal na Europa e no mundo, com orgulho nacional e visão de futuro político, económico, social e ambiental, sempre livre, sempre igualitário, sempre antixenófobo, sempre tolerante, ou seja, sempre democrático.

*Aplausos do PS, do BE, do L, do PAN e de Deputados do PSD.*

Quem naquelas décadas todas esteve, como Mário Soares, tão presente, e tão decisivamente presente, nos três tempos políticos — o tempo da ditadura, o tempo da revolução, o tempo do nascimento da democracia e das duas primeiras décadas dessa democracia —, e marcou tanto esses tempos, do universo partidário nenhum, do universo militar, sim, largamente um, o primeiro Presidente da República Portuguesa eleito em democracia, decisivo no fim da Revolução, no início da democracia, na civilização do regime, no regresso dos militares aos quartéis e na abertura da governação à direita, mas que não tinha participado na resistência à ditadura em que Mário Soares tinha intensamente militado durante 30 anos.

É esta vida singular, irrepetível neste tempo histórico, esta personalidade singular, que hoje aqui evocamos. Com visões diferentes, gostando ou desgostando dos seus feitos, dos seus méritos, dos seus deméritos, vários dos presentes fomos seus apoiantes e seus adversários, em momentos diferentes — uns concordando na íntegra, outros discordando quase na íntegra, das opiniões que teve do império, da descolonização, do pós-descolonização, de preferências que sempre manifestou pelas grandes opções nacionais e de representação do Estado sobre a mera gestão corrente do concreto.

Com o pluralismo próprio da democracia, ele foi singular, como singular foi a sua companheira de toda uma vida, Maria Barroso.

*Aplausos do PSD, do PS, do BE, do L, do PAN e do Deputado da IL Carlos Guimarães Pinto.*

Sem ele, a sua coragem e as suas convicções — que eram de um partido, mas ultrapassavam em muito um partido —, a liberdade, a democracia e a Europa teriam esperado mais ou vivido atalhos mais penosos, ou conhecido mais sobressaltos ou empecilhos, ou mesmo conflitualidades internas, autoritarismos ou desvios não democráticos.

Sem ele, Mário Soares, não seria possível uma sessão evocativa tão livre como a de hoje. Uns livremente evocando mais os seus méritos, outros evocando livremente os seus deméritos, uns louvando a democracia que ajudou a construir, outros querendo outro futuro que não o que ele sonhou.

Foi isso a liberdade e a democracia que ele ajudou a criar. Foi isso que permitiu este Parlamento livre e a sessão solene que estamos a viver.

*Aplausos do PSD, do PS, do L, do PAN e do Deputado da IL Carlos Guimarães Pinto.*

Dele disse várias vezes, vezes sem conta, Jorge Sampaio ter sido o colosso do advento da democracia em Portugal. Portugal, que não esquece os maiores e os melhores de cada tempo, de todos os tempos, não esqueceu, não esquece, nunca esquecerá Mário Soares.

*Aplausos do PSD, do PS e do PAN (de pé), e do BE, do L, do CDS-PP e dos Deputados da IL Carlos Guimarães Pinto e Rodrigo Saraiva.*

O Sr. **Presidente**: — Está encerrada a Sessão Solene Evocativa do Centenário do Nascimento de Mário Soares.

*Eram 12 horas e 40 minutos.*

*A Banda da Guarda Nacional Republicana executado, de novo, o hino nacional, que foi cantado e aplaudido, de pé, pelos presentes.*

*Presenças e faltas dos Deputados à reunião plenária.*

A DIVISÃO DE REDAÇÃO.